

## Política e história

A turbulência política destes dias despertou-me a vontade de reler “A guerra do Peloponeso”, de Tucídides, que é, talvez, o primeiro marco da historiografia.

Infelizmente, na edição que eu tenho são 647 páginas em fonte minúscula, que por enquanto não me animei a enfrentar. Assim, puxo apenas do bestunto o que passo a dizer: a Grécia, na Antiguidade, não era um Estado centralizado, mas um conjunto de cidades-Estado (dispostas na península grega e às margens do Mediterrâneo oriental, como “formigas ou sapos ao redor da lagoa”) entre as quais resplandecia Atenas, com sua democracia, ciência e filosofia. Quando nos perguntamos por que, à diferença dos demais povos da Antiguidade, nasceu ali o pensamento, somos levados a deduzir que isso se tornou inevitável pela forma democrática de governo, na medida em que incoorria uma aliança entre religião e despotismo, e a discussão de tudo, nas assembléias públicas, fazia necessário o uso da razão. Tendo assumido a liderança da confederação grega na guerra contra os persas, o imperialismo ateniense tornou inevitável o confronto com Esparta, que possuía um regime oligárquico. Ao fim dessa guerra, que durou 27 anos, foi vencedora a coligação liderada por Esparta, e derrotada a coligação liderada por Atenas.

Achei, num livro sobre Platão, essa resenha: “Tucídides interpreta a guerra como manifestação dos conflitos resultantes do antagonismo entre os interesses de diferentes grupos e classes num Estado. Sugere que um Estado relativamente estável seja o

produto do mesmo poder suficientemente forte para manter a paz e garantir alguma proteção aos diferentes grupos; mas quando um ou outro grupo visualiza uma chance de assumir o lugar dominante, ele não deixa passar a oportunidade (III. 82.2; V. 89, 105.2). Uma vez que a guerra envolve um poder externo disposto a apoiar uma revolução, tende a aumentar a instabilidade política dentro de um Estado.” (T.H.Irwin, Platão: O pano de fundo intelectual, in *The Cambridge companion to Plato*. cit. cf. Platão; Richard Kraut, org.; São Paulo, Ideias & Letras, 2013, p. 84). Se ainda não soubéssemos o motivo porque Tucídides é considerado grande, eis aí uma indicação. Note-se que ele não conhecia Marx, e que, naquela época, a financeirização da economia ainda não havia pulverizado as soberanias nacionais.

No Brasil, hoje, há gente interessada em deflagrar uma guerra civil. Estivemos a um passo dela em 1964 (devemos agradecer ao gênio pacífico de João Goulart que ela não tenha acontecido). Sentindo-se ameaçada, nos seus privilégios, durante os governos Lula e Dilma, a oligarquia retira a máscara que costuma trazer afivelada. A nós, que padecemos, na carne, a ditadura de 1964, cabe resistir, com ânimo e paciência, a esse refluxo de intolerância, irracionalidade e ilegalidade.

Se é que, ao fim deste editorial, posso recomendar a leitura de outro livro, aqui vai: em sua obra intitulada “A integração do negro na sociedade de classes”, Florestan Fernandes estuda a escravidão como raiz da desigualdade brasileira. Ao título dessa obra, Florestan acrescentou um subtítulo: “ No limiar de uma nova era”. De fato, ao apoiar as políticas de integração racial, dos governos Lula Dilma, estamos atacando os pilares da desigualdade, e ajudando a construir uma nova era.